

SACHS, Ignacy.; STROH, Paula Yone (Org). **Caminhos para o desenvolvimento sustentável**. Rio de Janeiro: Garamond, 2002. 96p.

RESENHA

Fernanda Pereira Martins

Discente do curso de Graduação em Geografia da Faculdade de Ciências Integradas do Pontal – FACIP, Universidade Federal de Uberlândia – UFU. Bolsista PIBIC/FAPEMIG.
E-mail: pereira663@hotmail.com

Ignacy Sachs nasceu em 1927, é Polonês e consolidou uma formação cosmopolita a partir de estudos e trabalhos em diversos países, entre eles, Brasil, Polônia, Índia e Paris. É formado em Economia e doutorou-se nesta área pela Universidade de Delhi, na Índia, e é diretor de pesquisa da *École des Hautes Études em Sciences Sociales* em Paris. Participou das conferências de *Founex* e *Cocoyoc* e foi assessor chefe do secretariado geral das Nações Unidas na Conferência de Estocolmo em 1972. É colaborador de vários órgãos encarregados da proteção ao meio ambiente e de universidades brasileiras. Desde 1990 é assessor da UNESCO no programa de Cooperação Sul-Sul para o ecodesenvolvimento dos trópicos úmidos. Além de participar ativamente da “Rio-92”.

O livro “Caminhos para o desenvolvimento sustentável” (2002) de autoria de Ignacy Sachs é estruturado em três capítulos, sendo o primeiro baseado em discussões pautadas na necessidade de se rever e modernizar as técnicas utilizadas na aquisição da biomassa, sendo esta imprescindível às civilizações passadas e atuais. Sachs afirma que, por serem dependentes do ambiente natural todas as atividades econômicas, o uso produtivo deste ambiente não deve ser destrutivo. Por isso, busca-se, em contraposição às antigas práticas, a otimização da biomassa a partir das ciências de ponta, com a escolha de estratégias adequadas que favoreçam o contínuo desenvolvimento das sociedades a partir do uso racional dos recursos disponíveis. Ademais, os sistemas de produção devem existir em diferentes escalas (da agricultura familiar aos grandes sistemas comerciais), sendo principalmente, adaptados às condições

locais. O autor salienta a importância do clima tropical em sua influência na alta produtividade, e cita como exemplo a Agenda 21, relacionada a estratégias de desenvolvimento sustentável na Amazônia em busca de uma moderna civilização em biomassa. Não obstante, afirma-se que, países tropicais poderiam ter “pulado etapas” caso não tivessem seguido os padrões de consumo do Norte, fator este que beneficia apenas uma pequena minoria e por consequência desenvolveu grande apartação social no hemisfério Sul.

Posteriormente, Ignacy faz uma retrospectiva de fatos importantes que possibilitaram debates calorosos sobre desenvolvimento e outros fatores a ele interligados. A conscientização ambiental é um debate recente que teve repercussão a partir de 1971 com o encontro *Founex* e mais destaque em 1972 com a Conferência das Nações Unidas sobre Ambiente Humano em Estocolmo, os quais objetivaram discutir a dependência entre desenvolvimento e meio ambiente. As posições assumidas com destaque na conferência de Estocolmo oscilaram entre um economicismo arrogante e outra em um fundamentalismo ecológico, sendo ambas alternativas descartadas, surgindo a Declaração de Cocoyoc (1974). Esta declaração defende a necessidade de um desenvolvimento econômico continuado, porém, que não seja depredador do meio ambiente e que utilize os recursos naturais de modo sustentável. Posterior aos anos de 1971 houve diversas conferências, encontros e relatórios internacionais, permitindo um substancial progresso em termos da institucionalização do interesse e proteção ao meio ambiente global, revelando uma nova maneira de se pensar o desenvolvimento.

Para dar continuidade às discussões anteriores o autor propõe, para melhor efetivação de suas propostas, a idéia de uma gestão negociada e contratual da biodiversidade. Esta gestão é fundamento imprescindível para o desenvolvimento sustentável, e está intimamente relacionada ao desenvolvimento de alternativas sustentáveis de recurso de biomassa e renda; ao envolvimento ativo das pessoas que vivem no entorno das áreas exploradas e a conscientização desta população. Enfatiza-se que é preciso

envolver os cidadãos na proteção da área, com um planejamento local e participativo principalmente em áreas sensíveis como as florestas tropicais. A gestão da biodiversidade defendida pelo autor visa ir além das reservas, pois estas retiram a população do local e as impedem de fazer coleta de produtos florestais, originando invasões que anulam os efeitos supostamente benéficos que essas reservas invioláveis têm.

Não obstante, a necessidade de equilíbrio entre os fatores econômicos, sociais e ecológicos, é fator imprescindível na busca de se lograr um desenvolvimento sustentável, pois estão interligados e como consequência têm-se forte influência de um fator sobre o outro. São diversos os fatores citados ao longo dos capítulos, característicos do desenvolvimento sustentável, sendo eles, o social, cultural, ecológico, ambiental, territorial, econômico e político. São estes critérios e a influência que cada um exerce sobre os demais que se caracteriza a sustentabilidade.

Pode-se constatar que a atuação do autor se faz comprometida com questões do meio ambiente e pautada na idéia de um desenvolvimento voltado para sustentabilidade dos recursos. Não obstante, sua formação e atuações o garante propriedade e crédito para discutir a temática abordada. Sachs traz ampla contribuição para o estudo sobre o desenvolvimento das sociedades e sua intrínseca relação com o ambiente natural, propondo-nos a leitura de três capítulos que abrange a maneira como a biomassa foi e deve ser utilizada, os fatos históricos que culminaram em uma “revolução” na maneira de se pensar o desenvolvimento e como fazê-lo. Ademais, são de grande relevância os critérios de sustentabilidade abordados, pois estes são, muitas vezes, conceituados e interpretados de maneira simplista, isto é, quando não errôneo. Também, esta obra permite a espacialização e tomada de nota de aplicações no mundo do que é proposto pelo autor, pois cita exemplos nacionais e internacionais de projetos em curso que visam a eficácia de um desenvolvimento sem extinção da biodiversidade.

Em suma, devido a esta contribuição ampla e ao mesmo tempo sucinta, este livro se caracteriza como leitura enriquecedora, apta a mostrar uma visão histórica e crítica quanto ao crescimento das sociedades e sua relação com o meio, além das diferentes possibilidades de se pensar esta relação (sociedade-meio) na atualidade.